

O LEILÃO DO VELHO MÉDICO¹

Mario Sette



[19]² Depois do almoço, aos domingos, quase nunca saía de casa; ficava-me debaixo de umas mangueiras que plantei e me recompensam o gesto da sementeira com bondosa sombra e gostosos frutos.

Há meses, porém, um anúncio de leilão tentara-me. Fez-me cócegas na curiosidade. Não que houvesse ingenuidade bastante minha para me fiar na adjetivaçãolouvaminheira do leiloeiro; nem tão pouco por morrer de amores por essas vendas públicas. Ao contrário: elas me trazem logo à imaginação a ideia de muito calor numa casa cheia de gente, caras de digestões difíceis após os almoços fartos dos domingos — feijoadas e mocotós — sem falar na penosa impressão de assistir à invasão de salas, alcovas, gabinetes onde tantas intimidades viveram, por um punhado de estranhos ambiciosos ou indiferentes.

Esse leilão buliu-me com o interesse simplesmente porque era o do Dr. Alamiro Amendoeira, o conhecido e adorado médico, havia pouco falecido.

¹ SETTE, Mario. O leilão do velho médico. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, Ano III, v. 38, p. 19-21, jul. 1931.

² Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

Desde menino me acostumara a olhar para aquele homem alto, esguio, meio alourado, seco de corpo e de maneiras, mas com um poder invencível de simpatia, de atração de bondade. Já encanecido, sempre espigado, sempre sadio, continuava a enfeitiçar o arrabalde, sendo médico e amigo. Chamavam-no para curar as doenças e para resolver as desavenças. Quem o visse entrar numa casa erraria afirmando tratar de uma febre porque bem poderia ser uma desarmonia conjugal. Impunha confiança, autoridade, benevolência.

Instalara-se no arrabalde recifense a uns quarenta anos atrás, no tempo ainda da maxambomba, uma locomotivazinha de brinquedo puxando três carros miniatura, melhoramento tido na época como uma maravilha. Viera do extremo norte e era solteiro. O mesmo chalezinho amarelo que fora habitar exibia agora a bandeira vermelha do leiloeiro. Ali se escoaram as quatro décadas da sua existência no Recife, tendo como companhia apenas um creoulo que fora filho de uma escrava dos pais.

A muita cabeça feminina que depois cuidara de procurar outro alvo para casamento ou se deixara ficar desiludida na tristeza de solteirona, o Dr. Amendoeira dera o que fazer, quando moço. Quantas desejaram poder transformar os cuidados do médico em carinhos de esposo? Quantas pelos anos afora ainda alimentaram a esperança de vencer-lhe o celibatarismo?

O médico, porém, teimava em olhar todas as mulheres como meras clientes, num persistente respeito, numa inderrubável displicência. Houve quem lhe procurasse ligação clandestina, uma “bicha” como entresegredavam abespinhadas as candidatas derrotadas; todavia nunca surdira motivo para justificar essa suspeita, quanto mais comprová-la! Dizia-se até, no arrabalde, com espanto, do caso de uma moça bonita e rica

que simulando doença rojara-se nos braços do Dr. Amendoeira num ímpeto de indomável paixão, o que produziu o definitivo afastamento dele daquela casa.

Fora dessa esquisitice, era o Dr. Amendoeira homem queridíssimo, homem insubstituível, um meio-santo para quase todos — gente de dinheiro que o não dispensava indo buscá-lo em transes físicos ou morais; gente pobre que ele não esquecia caminhando espontaneamente ao seu encontro.

Foi uma bomba a notícia, numa manhã, de que o médico aparecera morto no seu gabinete de trabalho. O creoulo deixara-o lendo, na véspera, ao ir se agasalhar. Acordando, no dia seguinte, estranhou a luz ainda acesa no “escritório de seu doutorzinho”. Dirigiu-se até lá e viu o patrão caído no sofá, com um braço estendido para o chão, a boca muito aberta, os olhos gelados... Estava mortinho. Frio, duro.

Agora, iam vender tudo o que lhe pertencera a mandado de um juiz.

Tive curiosidade de penetrar aquele chalé amarelo todo emaranhado de trepadeiras dedal de damas, que fora uma das visões meio misteriosas de minha infância quando passei uma festa perto e via dele sair aquele homem comprido, [20] severo, de fraque, com uma bolsa na mão. E fora de tal bolsa que ela tirara certa vez um ferro com que andou remexendo minha garganta numa angina que tive aos treze anos. Depois, as histórias que corriam dele, a fama de extravagante, de caridoso, de solitário. Até de meio maluco ouvi chamá-lo um dia.

Apeei-me do bonde. Gente muita entrando e outro tanto lá dentro. Caras de tristeza, de saudade, de emoção, porém, igualmente, fisionomias de indiferença, de zombaria, de decepção... Porque nada havia de luxuoso,

de exquisiteso de notável. Mobiliário simples, escasso, pobre. De conforto, um tanto, apenas velha marquesa de jacarandá, no gabinete de estudos, onde morrera o médico. Estantes sem vidros, livros sem certo trato, revistas a esmo... Pus-me a mirar os títulos das obras: medicina, psicologia, literatura... Ao meu lado, irônicos, diante dos livros, dois senhores gordos, de charutos na boca, tinham atitudes e frases de desdém por aquilo tudo. Um homem que ganhara tanto dinheiro, que tivera a melhor clientela da zona, que recebia presentes valiosos, viver num desconforto assim! Teria sido um grande sovina, tão agarrado que nem se casar quisera para não aguentar as exigências de uma mulher...

Veio afinal o leiloeiro para apregoar a livraria e logo, com outros muitos, os dois tipos dos charutões foram saindo dali num ar de desprezo como se se tratasse da venda do caixão de lixo, preferindo apreciar um carro Ford que se enxertara no anúncio, a pedido de um capitalista aperreado com o vendelhão e o russo das prestações.

Os livros foram todos num só lote por cinquenta e dois mil réis. Arrematei-os diante do espanto de muita gente que certamente supôs ter eu a ideia de revendê-los a peso ao homem das garrafas vazias. Pois se nem encadernação dourada havia!

E, em casa, ao anoitecer, avidamente, comecei a folhear aquelas brochuras todas. Uma a uma. Datas, nomes, anotações... Tudo me interessava. E ia depois colocando-os em filas numa estante onde existiam vagas.

Dez horas bateram num relógio do vizinho e não me animava a deixar meus novos hóspedes ali pelo chão despejados num sorriso de pouco

caso pelo carregador que há pouco conduzira para a residência de um açúcarista um vistoso casal de galinhas de raça.

Foi quando folheava velhíssimo tomo de anatomia, obra servidora, ao curso do Dr. Amendoeira, que caiu de dentro um retalho de jornal. Antigo, amarelo, quase puído. Sou doido por jornais antigos. Apanhei o recorte, li-o, duvidei da leitura, reli, ainda descrevi, conferi nomes, examinei datas... Não havia motivos para não acreditar. Aquele jovem Alamiro Amendoeira, de 1883, com dezesseis anos de idade, só poderia ser o médico agora. Ele mesmo. Mas, então? Seria possível?! Fazer tal coisa! Era o jornal que o contava — uma notícia meio lacônica, talvez porque na época o noticiário de escândalo ainda não existisse; talvez por se tratar de um rapaz de família...

Isto ou aquilo, o fato não padecia mais dúvidas no meu espírito. O jovem Alamiro Amendoeira apaixonara-se por uma menina de treze anos, sua vizinha de sobrado. Menina essa que com essa idade já tem corpo e ares de mocinha. Avanço precoce de puberdade. Esmeraldina. Namoro de crianças, nela, passageiro, porque um mês ou dois após, deu preferência a outro rapazinho da mesma rua, na partilha dos sorrisos, das flores, dos olhares. Alamiro, entretanto, tomara a coisa mais a sério. O “corte” fez-lhe mal. Ou porque quisesse bem de verdade a pequena, ou porque o amor próprio vibrasse... E uma noite, Esmeraldina, de volta do mês mariano, vindo com uma escrava [21] de confiança, entrando em casa, subindo a escada, na escuridão, sentiu uma pancada no peito, parou, estremeceu, cambaleou, caiu. “Jesus! Yayazinha!” — gritou a negra sem poder ampará-la. Acudiram os pais; trouxeram o candeeiro. Sangue muito pelo vestido da menina. Agonizava com uns olhos de espanto e de dor. O ciumento namorado

cravara-lhe uma faca de ponta no seio, no coração... Alamiro Amendoeira esteve foragido uns anos, mas, depois, tudo se esqueceu com a morte dos pais de Esmeraldina. Formou-se no Rio, veio para Pernambuco, para um arrabalde...

Permaneci uma longa hora com aquele retalho de jornal nas mãos, evocando a figura do velho médico, de fisionomia severa, maneiras secas, num apostolado de bondade dentro de uma existência de solicitude. Um meio maluco, para uns, um quase santo, para outros...

E rasguei em muitos pedacinhos a notícia reveladora, espalhando-se pelo aposento os fragmentos amarelos do papel como se fossem pétalas de rosa...



José Adolpho contou-me essa história numa capital do norte, quando voltávamos de automóvel de uma visita ao recolhimento de meninas desvalidas fundado e mantido com o dinheiro que lhe legou em testamento um filho daquele Estado falecido em Pernambuco, com a condição de nunca se saber o seu nome.

Seria o Dr. Alamiro Amendoeira?

Desconfia-se.

Mas não se tem certeza.



FICHA TÉCNICA

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez

Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva

Revisão textual: Amanda Marinho e Arthur Dias Fontes

Preparação: André Azevedo de Alvarenga, Larissa Adur,
Rosane Velloso e Sora Maia Souza

Design gráfico e redes: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra

Biblioteca digital de
narrativas obscuras
brasileiras

